



RELIGIÕES E RELIGIOSIDADES NOS CONTOS DE GEOVANI MARTINS

RELIGIONS AND RELIGIOSITIES IN THE TALES OF GEOVANI MARTINS

Marcel Franco da Silva **1**


Resumo: Este artigo aborda sobre a obra *O Sol na Cabeça*, do escritor carioca Geovani Martins (2018). A pesquisa, inicialmente, faz uma releitura crítica dos treze contos presente na coletânea de contos, em seguida, através do método hermenêutico (AMARAL FILHO, 2009; GHEDIN, 2004; GADAMER, 2003), procura investigar o fenômeno religioso nos textos em que Geovani Martins revela o *homo religiosus* (ELIADE, 1979; 1992; 2010), sendo isso a natureza constitutiva, ou melhor, o objeto fundamental em que se propôs esse trabalho. Além disso, o presente texto busca a valorização da literatura que vem sendo produzida por um talento da prosa do Brasil nos tempos atuais.

Palavras-chave: Geovani Martins. Literatura. Simbolismo. Hermenêutica. *Homo Religiosus*.

Abstract: This article discusses the work *O Sol na Cabeça*, by the Rio de Janeiro writer Geovani Martins (2018). The research, initially, makes a critical rereading of the thirteen short stories present in the collection of short stories, then, through the hermeneutic method (AMARAL FILHO, 2009; GHEDIN, 2004; GADAMER, 2003), seeks to investigate the religious phenomenon in the texts in which Geovani Martins reveals *homo religiosus* (ELIADE, 1979; 1992; 2010), which is the constitutive nature, or rather, the fundamental object in which this work was proposed. In addition, the present text seeks to value the literature that has been produced by a prose talent in Brazil in current times.

Keywords: Geovani Martins. Literature. Symbolism. Hermeneutics. *Homo Religiosus*

1 Mestre em Ciências da Religião (UEPA) e Graduado em Letras/Língua Portuguesa (UEPA). Atualmente é professor colaborador da Faculdade de Letras, Campus Universitário de Marajó/Breves (UFPA) e membro do Grupo de Pesquisa “Estudos de Gênero e Raça” (EGERA/UFPA). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8431607475587023>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9785-9625>. E-mail: marcelpa@hotmail.com

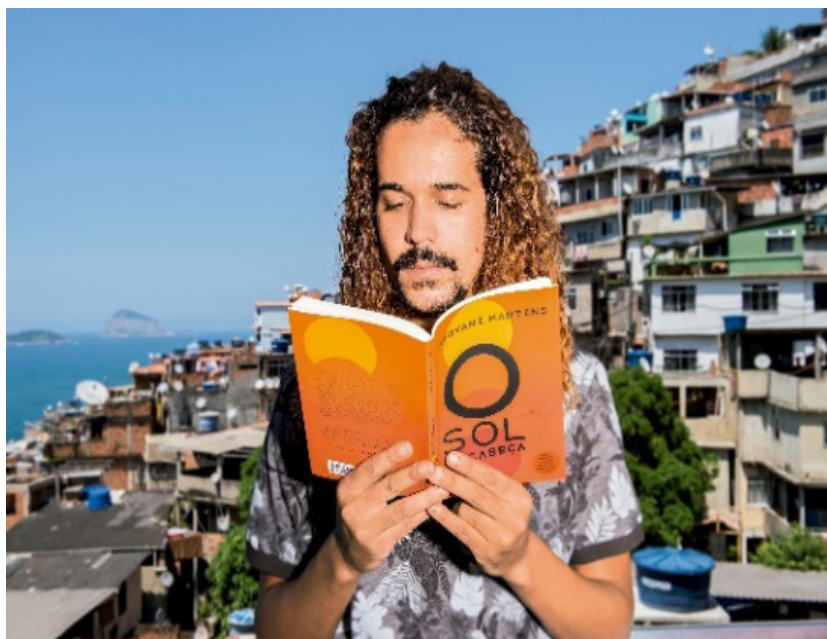


Palavras iniciais

Coisas que a gente se esquece de dizer
Frases que o vento vem às vezes me lembrar
Coisas que ficaram muito tempo por dizer
Na canção do vento não se cansam de voar
Você pega o trem azul, o Sol na cabeça
O Sol pega o trem azul, você na cabeça
Um Sol na cabeça. (BORGES; BASTOS,1972)

Com os reflexos da canção de Lô Borges e Ronaldo Bastos, *O Trem Azul*, de 1972, é que introduzimos este estudo. As “coisas que ficaram muito tempo por dizer” (Idem) agora nos são ditas na obra *O sol na Cabeça: contos*, do escritor carioca Geovani Martins. Primeiramente, vamos anunciar quem é esse “Trem Azul”.

Ilustração 1. Geovani Martins com seu livro “O sol na cabeça



Fonte: Do autor.

Nascido no bairro de Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, Geovani Martins (1991-) cursou até a oitava série do Ensino Fundamental e já trabalhou como homem-placa, atendente de lanchonete etc. Foi morador das favelas da Rocinha e da Barreira do Vasco, antes de fixar-se no Vidigal. Participou das oficinas da Festa Literária das Periferias em 2013 e 2015. No ano de 2015, lançou na Feira Literária de Paraty (FLIP) a revista *Setor X*, na qual publicou seus textos e de outros escritores de comunidades do Rio. Foi convidado a voltar a Paraty em 2017, e, na ocasião, firmou contrato com a Companhia das Letras para lançar seu primeiro livro, *O Sol na Cabeça*, que vem a ser objeto de estudo deste artigo.

O Sol na Cabeça (MARTINS, 2018) serão apresentados, resumidamente, os treze contos de Geovani Martins para então adentrar na natureza investigativa desse trabalho: analisar os fenômenos religiosos, com uso da metodologia eminentemente hermenêutica¹, para compreender

¹ “disciplina filosófica que versa sobre interpretação” (AMARAL FILHO, 2009, p. 40), que “situa-se na existência da linguagem, é nela e por ela que se processam os significados” (GHEDIN, 2004, p. 01-02), para isso, no entanto, é preciso “a compreensão ‘apropriada’ de um texto [que] introduz nas geisteswissenschaften algo da posição do intérprete no tempo, lugar e visão do mundo mas, em contraposição à interpretação artística, a compreensão do texto, enquanto mediatizada linguisticamente em sua interpretação, não é independente do original como uma

como a literatura contemporânea tem preservado e revelado a dinâmica do simbolismo do *homo religiosus* no decênio entendido entre 2010 e 2020.

Serão feitas observações relevantes não apenas ao estudo das Ciências da Religião, mas também em outros campos científicos, tendo em vista em contribuir para as pesquisas acadêmicas sobre a “nova literatura” que vem se desenhando no Brasil nos últimos tempos e apresentando a nós autores, até então, desconhecidos e divulgados pela mídia em escala nacional.

As feridas do Brasil-favela: releitura da obra de Geovani Martins

A coletânea *O sol na cabeça*, de Geovani Martins (2018), reúne cerca de 13 contos que narram a infância e a adolescência de personagens que experimentam angústias, violências, sofrimentos, contravenções e situações que revelam o Rio de Janeiro profundamente, dentro de suas feridas e realidades severamente dolorosas: as favelas.

Rolézim é a primeira das histórias contadas por Geovani em que trata sobre um passeio que jovens fazem à praia durante o veraneio de 2015, que são perseguidos pela polícia militar que procuram afastar da orla da zona sul carioca os possíveis “meliantes” oriundos das favelas que arruam e promovem assaltos no espaço frequentado pelos cidadãos de classe alta, turistas e moradores do entorno.

Ainda tematizando sobre a perseguição, encontramos no conto *Espiral* a situação de incomodo entre pessoas de classes sociais diferentes, o que nada mais se traduz na acepção equivocada de que dividir vias públicas nobres com favelados é sempre motivo de preocupação e atenção permanente – o velho estigma social que cultuam contra às pessoas vindas do subúrbio.

Em *Roleta-russa* percebe-se a aventura perigosa de um adolescente diante de um revólver que o seu pai Almir guardava na gaveta. O objeto funciona como instrumento e atiza a curiosidade de Paulo como se fosse um brinquedo. É, pois, uma realidade comum a muitas famílias da periferia que desde cedo tendem a naturalizar o contato/a presença de uma arma de fogo dentro de casa e próximo ao acesso das crianças que não sabem do perigo que isso significa à sua vida e a dos seus semelhantes. A trama toda se volta a brincadeira de Paulo com a pistola do seu pai e, principalmente, do medo que significaria se este soubesse que seu filho andava brincando com isso.

O caso da borboleta narra as descobertas de Breno diante da natureza animal, um pequeno ensaio entomológico de um garoto que busca entender o comportamento das borboletas que lhe aguçam as curiosidades e experimentos infantis – travessuras de um menino que deseja entender a biologia desses seres.

Em *A história do periquito e do macaco* a Comunidade da Rocinha é espaço fundamental que se modifica depois que o Governo fluminense implantou ali a Unidade de Polícia Pacificadora – UPP, nos idos anos 2013. É uma narrativa bem contrária àquela que a mídia e o Estado queriam incutir a todos os cariocas: a de que a presença ostensiva policial mudava significativamente a vida das pessoas da favela. O conto delata os fracassos da UPP que nunca estabelecerem uma política de paz e de segurança em lugares como esse, marcado pela violência, criminalidade e comando pelo tráfico de drogas até os dias atuais.

O Primeiro dia é outra narrativa da coletânea de Geovani Martins que chama atenção não por ser tratar da socialização entre estudantes no início do ano letivo escolar, mas por mencionar a dois pontos de interessante observação: o processo de acolhida (o trote) dos veteranos aos recém-chegados a escola e ao modo em como realizam esse tipo de rito de passagem: por meio da invocação da loura do banheiro. Algo que permeia a cultura e o imaginário de muitos colégios brasileiro nessa obra aparece explicitamente como produto da (re)elaboração das lendas urbanas sobre a história de Maria Augusta, nascida no interior de São Paulo no século XIX, que se conecta a muitas outras narrativas míticas, como a Maria Sangrenta (Bloody Mary), criada nos Estados Unidos no século XX.

Rabisco é, pois, como o próprio título sugere: escrita. Trata da saga de um rapaz que revive as práticas de pichação dos espaços públicos que ele faziam quando moleque. O personagem central é um homem de trinta anos, Fernando, pai de família, que, talvez para fugir da monotonia da vida

de um lar, procura aceder um gás, um ânimo existencial voltando a pichar novamente, mesmo sabendo dos riscos da abordagem policial e da vergonha para um homem de 30 anos ser preso por deixar-se envolver por essas ações de vandalismo ao patrimônio social.

A *viagem* é um relato de Rafa, sua namorada Nanda, seu colega Gabriel e o primo deste, o argentino Juan, que procuram sair das efervescências de fim de ano em Copacabana para experimentarem, pela primeira vez, o réveillon no litoral do Arraial do Cabo. O passeio é marcado pelo abuso de drogas diversas, compartilhamento de momentos de alucinação e andanças pela praia desconhecida que é, então, interrompida por dois nativos que os perseguem com o intuito de furtá-los, pensando que os quatro fossem turistas desavisados dos perigos de andar naquele lugar sinistro e sem badalação social. Por sorte, os jovens conseguem se desvencilhar nas carreiras e na luta corporal com os meliantes, desencontram-se na fuga, mas se reencontram e tornam em segurança a urbe de Arraial, antes mesmo que a virada de ano deles fosse marcada por mais um episódio de tensão e horror extremos.

Em *Estação Padre Miguel* há relatos de cinco amigos que se encontram para comprar e fumar maconha nas adjacências da Vila Vintém, num período em que o comando dessa favela tinha proibido o consumo de crack ali no entorno. Mas como a droga que eles fumavam não estava surtindo o efeito desejado, um deles decide misturar maconha com crack para dar o que eles chamam de “pancada”. Deu-se, porém, a desdita quando dois traficantes locais surgem com as armas pesadas e enquadra os cinco ali na linha do trem onde acontece essa socialização de alucinógenos. A mira dos fuzis impõe medo e respeito nos cinco que são agredidos verbalmente pelos traficantes e postos para correr. Os alucinados conseguem sair dali até a estação do trem de Padre Miguel, com a sorte sem terem suas vidas poupadas pelos bandidos.

O *cego* trata da história do personagem seu Matias, cego de nascença, que ganha a vida como pedinte no centro da cidade do Rio de Janeiro. História de um protagonista comum do dia a dia de uma capital brasileira, mas que é acrescida com a parceira de Desenho, um moleque que ajuda se passando como seu filho durante as atividades de esmolação. Os dois estreitam laços afetivos e nos negócios, mas com o tempo Desenho cresce e se envereda em outra atividade. Seu Matias, por conta da idade, abandona as ruas, mas tem a sorte de ser assistido pelo Desenho passa a ajudar o velho com quem partilhava as ruas em busca de ganha pão.

Outra história bem fascinante é, sem dúvida, o *Mistério da Vila*, a qual tem como protagonista Dona Iara, esposa do finado pai-de-santo Jorge, que se estabeleceu numa vila e continuara as práticas religiosas deixadas pelo marido. A trama toda se estabelece entre um conflito entre vizinhos evangélicos com afrorreligiosa e diz muito de muitas realidades na sociedade brasileira. A intolerância entre pessoas de religiões diferente no conto se diluem quando Iara é acometida de um problema de saúde e isso desequilibra o dia a dia da comunidade. Ou seja, lê-se na obra uma relação de cooperação mútua e sincrética: quando a família de evangélicos precisava de ajuda, Dona Iara era solícita; quando Iara enfartou, os evangélicos suspenderam seus preconceitos e foram prestantes a pobre senhorinha como suas orações e demais cuidados.

Sextou retrata a história de um usuário de drogas que sai em busca de comprar uns “baseados” no Jacarezinho. A trama se acentua quando o rapaz encontra a comunidade silenciosa e sem agitação, estranhando que algo tinha acontecido por ali – o que, de fato, sucedeu-se, após uma batida policial. O rapaz tem a má sorte de ser abordado pela polícia que o reprende severamente, mas faz o que muitos PM’s corrompidos fazem: devolvem a droga ao usuário, mas embolsam o dinheiro que ele tinha reservado para as despesas da casa.

Por fim, vemos a *Travessia*, um conto que não foge a tema da criminalidade recorrente em quase toda a coletânea escrita por Geovani Martins. *Travessia* é uma narrativa tensa em que se observa um personagem bandido sendo obrigado (pelo dono do morro) a dar sumiço com o corpo de uma pessoa que ele havia matado. O bandido segue como corpo numa Chevettte fora da favela, mas tem o revés de o carro enguiçar numa comunidade dominada por rivais, os “milicianos”. A sorte do bandido foi passar despercebido pela milícia que ainda o ajudou a empurrou o carro velho, mas a infelicidade de nunca mais ser aceito pelo comando da comunidade por tal vacilo era algo com que ele não esperava, mas que é a realidade que muitos bandidos descuidados sofrem no capital carioca. É a lei do tráfico que vigora: quem fez besteira, vacila, mete o pé, tem que “ralar” da favela.

A obra *O sol na cabeça* mostra o Brasil em sua profundidade, em sua tensão real e não fantasiada pela televisão, é uma literatura com a voz do morro, pesada, escrachada, sem os enfeites e polidez daqueles que preferem as sutilezas de um país linear, sem problemas, sem misérias, dores e azedumes constantes que são mostradas na obra de Geovani Martins, tão atual e mais com os fatos bem mais sinceros que as novelas elaboradas pela mídia. Quem se alimenta de mentiras e fuga da realidade, saiba que esse livro não é recomendado. Esta coletânea, em última análise, é a indigestão de um Brasil que está longe de ser resolvida.

O Sol na cabeça e seus simbolismos religiosos: abordagens hermenêuticas

O primeiro rastro sobre elementos da experiência religiosa é percebido no primeiro conto, intitulado *Rolézim*. A fala da personagem, em fuga da polícia durante o passeio na praia, mostra a reverência do rapaz a uma entidade comum dos cultos afro-brasileiros: Seu Tranca Rua. Primeiramente é preciso considerar que a obra se situa no Rio de Janeiro, lugar que fez nascer a Religião Umbanda, a mesma fé que venera o orixá iorubano Exu (entidade da “esquerda”), de uma forma muito peculiar através dos seus generais, como diria Reginaldo Prandi². Assim, observamos num fragmento de *Rolézim* esse prestígio do carioca afroreligioso pela entidade da encruzilhada: “Meu corpo todo gelou, parecia que tava feito. Era minha vez. Minha coroa ia ficar sem filho nenhum, sozinha naquela casa. Mentalizei Seu Tranca Rua que protege minha avó, depois o Jesus das minhas tias.” (MARTINS, p. 11).

Outro fenômeno curioso que merece análise é o sincretismo religioso manifesto pelo personagem que apela pela proteção de Tranca Rua e, também, por Jesus. Isso revela como tais contrastes religiosos estão bem acomodados na mentalidade cultural brasileira que recorre as muitas crenças. O sincretismo, como se sabe, tem muitas significações, Josué Tomasini Castro afirma que:

ao pensar em sincretismo, pode-se pensar em: negociação, interação, confronto, transmissão, mistura, adaptação, assimilação, sondagem, transposição, identificação, simbiose, fusão, amálgama, alienação, dinamismo, confluência, interação etc (CASTRO, 2006, p. 29).

As venerações distintas da personagem do conto *Rolézim* é um “hábitus religioso (...) pode ajudar a compreender a força integrativa da teologia popular no desenvolvimento do sincretismo da religião afrocatólica.” (REY, 2005, p. 454)³. O antropólogo maranhense Sergio Ferretti estabeleceu um denso estudo sobre o assunto, *Repensando o Sincretismo*⁴ em suas múltiplas formas de expressar o fenômeno de cultura, por exemplo, uma entidade dos cultos afro ao lado de outra da tradição cristã, como ocorre na narrativa, sem que haja conflitos entre as muitas expressões religiosas na mentalidade do homem brasileiro.

Más adelante, encontramos em *Roleta-russa* credices populares, superstições que ainda permeiam o imaginário de muitos brasileiros que os transmitem de geração a geração e que parecem estarem longe de cair em desuso, mesmo com comprovação científica, conforme vemos no seguinte recorte:

2 “Segundo a tábua umbandista de correspondência Exu-diabo, a entidade suprema da ‘esquerda’ é o Diabo Maioral, ou Exu Sombra, que só raramente se manifesta no transe ritual. Ele tem como generais: Exu Marabô ou diabo Put Satanaika, Exu Mangueira ou diabo Agalieraps, Exu-Mor ou diabo Belzebu, Exu Rei das Sete Encruzilhadas ou diabo Astaroth, Exu Tranca Rua ou diabo Tarchimache, Exu Veludo ou diabo Sagathana, Exu Tiriri ou diabo Fleuruty, Exu dos Rios ou diabo Nesbiros e Exu Calunga ou diabo Syrach. (...)” (PRANDI, 2001, p. 55) [grifos nosso].

3 Conceituação original e integralmente em língua francesa: “A la suite de Lowenthal, je tente de montrer comment l’habitus religieux selon Bourdieu peut aider à mieux comprendre la force intégrative de la théologie populaire dans le développement du syncrétisme de la religion afrocatolique.” (REY, 2005, p. 454).

4 Cf. FERRETTI, Sergio. *Repensando o Sincretismo*. São Paulo: EDUSP, 1996.

Bem que Paulo havia estranhado o pai *tomar banho antes do almoço* em vez de esperar dar a hora de sempre, pois só faz isso quando vai sair. *Logo após as refeições, não toma banho nunca, porque faz mal, igual manga com leite. Igual não, pior. Porque disso tem gente que morre* (MARTINS, 2018, p. 19). [grifos nossos].

Nesse aspecto, sob os olhares de Leandra Macedo de Araújo Gomes e Mônica Cecília Pimentel de Melo, “as credences populares fazem parte da cultura das populações, sendo a família o lócus de divulgação das crenças” (GOMES; MELO, 2015, p. 54)

No conto *O Rabisco* é importante analisar o pensamento de Fernando sobre sua necessidade de deixar impresso a sua marca, a sua pichação, o seu rabisco. É sabido que a história da pichação remete “ao final dos anos 1960, período da contracultura e das revoluções estudantis que tomaram de assalto a cidade de Paris, na França. A maneira encontrada pelos jovens de protestar contra o governo [...]” (ABREU, 2015). Todavia a observação que se desejar pautar é totalmente diferente dessa; é sobre a pichação enquanto forma do homem deixar sua marca para a posteridade:

O rabisco tem a ver com eternidade, marcar sua passagem pela vida. Fernando, assim como a grande maioria das pessoas, sentia a necessidade de não passar batido pelo mundo, e quando viu já andava com todos os pichadores de sua rua. Era muito louco desvendar os mistérios da arte proibida, ouvir as histórias de nomes que sobrevivem na cidade há mais de vinte, trinta anos, e que com certeza, mesmo depois de apagados ou derrubados os muros, sobreviverão na memória. Queria entrar pra história desse jeito, ser lembrado e respeitado pelas pessoas certas. Essa sempre foi sua maior motivação na hora de rabiscar. Mais do que fama, revolta ou estética, embora tudo isso conspirasse pra coisa toda fazer sentido. Queria mesmo marcar sua cidade e seu tempo, atravessar gerações na rua, se transformar em visual. (MARTINS, 2018, p. 40). [grifos nossos].

Fica-nos clara a indicação de um homem querendo se imortalizar por meio de sua grafiteagem, e se “tem a ver com eternidade” (IDEM) há sinais claro de um simbolismo religioso, muito semelhante às práticas mortuárias de inscrever os nomes das pessoas que são sepultadas não apenas nas culturas atuais, mas também desde os primórdios do tempo, desde à época, por exemplo da construção das pirâmides no Egito Antigo. É como a própria personagem afirma: “Queria mesmo marcar sua cidade e seu tempo, atravessar gerações na rua [...]” (Idem). Em outras palavras, Fernando queria ser imortal e ter seu codinome “Loki” (IDEM, p. 43) referenciado ao sabor do tempo, sem desconsiderarmos que essa alcunha dele remete-nos ao nome de uma entidade tida como

Filho de um gigante denominado Farbauti e da gigante Laufey, era um esbelto semideus da mitologia escandinava dotado de um poder mágico imenso. Podia ser chamado o *Viajante do Céu* e o *Enganador*, entre outras referências às suas características.

Tinha a capacidade de se metamorfosear em qualquer animal que quisesse, assim como de mudar de sexo. Assim, tinha sido mãe do cavalo de Odin (Sleipnir) e de Hel, da Serpente de Midgard e do lobo Fenris com a gigante Angerboda. Associava-se-lhe a magia, pela capacidade de se metamorfosear, e o fogo, pelo seu poder destrutivo.

Morava no Asgard, uma vez que pertencia à facção divina dos Aesir, e era um ser manhoso e astucioso, que estava

constantemente a trazer à luz do dia os defeitos dos deuses e os seus vícios e erros.

Pregava partidas sistematicamente e era ele que arranjava soluções para as situações complicadas. As suas partidas eram normalmente de mau gosto e prejudiciais, como por exemplo a que causou a morte do deus Balder. Esta partida valeu-lhe a perseguição dos outros deuses, e Balder não voltou do Inferno de Hel porque Loki, disfarçado de velha feiticeira para escapar ao castigo divino, se negou a chorar a morte de Balder.

Estava casado com a leal Sigyn, que recolhia o veneno que escorria da boca de uma venenosa serpente posta pelos deuses sobre a sua cabeça, depois de o prenderem a três rochedos pelos joelhos, ancas e ombros. Cada vez que o recipiente se enchia e Sigyn o retirava para o esvaziar, as gotas que caíam na cabeça de Loki faziam-no contorcer-se de dor e provocavam terremotos pelos movimentos convulsivos do deus. Apesar do seu mau carácter houve episódios heroicos na sua vida.

Tinha como destino ser morto por Heimdall no dia de Ragnarok, altura em que combateria como aliado do demónio Surtr depois de se ter libertado das correntes⁵

Além disso, vemos na trama d'A *Viagem* indícios do sagrado quando a personagem Rafa, durante os efeitos de alucinógenos, fala de sua relação com água, algo que, como bem sabemos, epifaniza o transcendente, manifesta a essência do sobrenatural:

Por mais que nunca tenha estado antes nesta praia, sinto que sou íntimo dessas águas, como se tivéssemos nos encontrado muitas outras vezes pelas praias por onde passei, até mesmo em alguns rios. Somos amigos. Por isso a água dessa praia que, aparentemente, me desconhece, aceita tão bem o meu corpo, permite que me equilibre em harmonia com todas as criaturas do universo marítimo (MARTINS, 2015, p. 49-50).

Ora se tomarmos as análises de Mircea Eliade (1979; 1992; 2010) e Gastón Bachelard (1997) teremos noção sobre o que o protagonista quis dizer, ou melhor, hierofanizar⁶. Para historiador Mircea Eliade,

O contato com a água implica sempre a regeneração: por um lado, porque à dissolução se segue um 'novo nascimento'; por outro, porque a imersão fertiliza e aumenta o potencial de vida e de criação. (...). Incorporando nela todas as virtualidades, a água tornar-se um símbolo de vida (a 'água da vida') (ELIADE, 2010, p. 153-154).

Isso no remete ao pensamento da personagem Rafa sobre a água das praias de Arraial do Cabo/RJ. Ele alega ser sentir íntimo dela como se já a conhecesse muito tempo e aceita seu corpo para um "novo nascimento" (Idem), até porque é sabido que ela é "para todos os homens um dos maiores, um dos mais constates símbolos maternos" (BACHELARD, 1997, p. 120), que nos seduz,

⁵ Cf. PORTO EDITORA. Loki na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [S.l.], 2022. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$loki](https://www.infopedia.pt/$loki). Acesso em: 29 abr. 2022.

⁶ Sobre o conceito de hierofania é muito necessário conhecer a literatura de Mircea Eliade. Para ele existe a uma consciência fundamentada da existência do sagrado, quando se manifesta através dos objetos habituais de nosso cosmos como algo completamente oposto do mundo profano. (ELIADE, 2000). Em termos explicativos, Eliade afirma que "a pedra sagrada, a árvore sagrada não são adoradas com pedra ou como árvore, mas justamente porque são hierofanias, porque 'revelam' algo que já não é nem pedra, nem árvore, mas o sagrado, o ganz andere. (IDEM, 1992. p. 13).

embala-nos e “devolve-nos a nossa mãe” (IDEM, p. 136) e porque todo ser humano “é uma planta que deseja a água do céu” (IDEM, p. 165) como observou Gastón Bachelard. Mas para chegar ao fundo dessa compressão é preciso experimentar o que o protagonista Rafa experimentou na *Viagem*: é muito necessário “explorar pra transcender” (MARTINS, 2018, p. 50).

No conjunto das histórias encontramos dois contos que, demandam uma profunda tarefa hermenêutica, uma vez que são extremamente carregados de simbolismos religiosos: *O Mistério da Vila* e *Primeiro Dia*. Observemos, pois, como se processa o fenômeno religioso no *Mistério da Vila*, ainda que rompendo aqui ordem sumária em que essas narrativas se encontram dispostas no livro⁷

Revisitando *O Mistério da Vila*, aliás, os muitos mistérios que se apresentam trazemos à baila questões pertinentes a própria relação antropossocial das religiões e práticas religiosas difusas no território nacional: o catolicismo, a afroreligiosidade e evangelismo⁸. Primeiro fenômeno que se destaca é a acomodação/aceitação das religiões de matrizes africanas com o catolicismo que mantém as estruturas religiosas em harmonia, mas, num segundo momento histórico, a religião afro-brasileira sofre perdas significativas quando surge e difunde-se as Igrejas Evangélicas no espaço geográfico brasileiro, principalmente nas áreas suburbanas, conforme atestamos num parágrafo do conto:

Quando dona lara construiu seu barraco na beira do rio, o lugar não tinha nome, nem sonhava em ser uma rua. As casas foram chegando com o tempo. Naquela época o marido dela ainda estava vivo, chamava Jorge e era pai de santo. Foi ele que começou a fazer as reuniões no quintal da casa. Os vizinhos quase todos participavam da gira, mesmo os católicos, que frequentavam a missa todo domingo. Mas, com o passar dos anos, o número de pessoas foi diminuindo, enquanto ia crescendo o número de Igrejas na região. O terreiro de dona lara foi ficando de lado. Muitas vezes até malfalado pelos antigos frequentadores, depois de convertidos. Foi um golpe duro em dona lara. Já viúva, ela chegou a pensar em sair dali, vender a casa e recomeçar em outro lugar. Mas era tarde. Suas raízes estavam presas demais àquela terra. Passou a usar das lembranças pra se consolar. (Idem, p. 69).

Conforme investigações científicas, o esvaziamento de tradições e fluxos migratórios entre diferentes estruturas religiosas tem sido verificada em nossa sociedade desde anos 1970 até os dias atuais, com bem pontou Vagner Gonçalves da Silva (2007) e Ricardo Mariano (2003), reiterados no estudo de André Ricardo de Souza (2019)⁹.

7 Em *O Sol na cabeça* (MARTINS, 2018), o conto *O mistério da vila* é um dos últimos (o undécimo), ao passo que *Primeiro dia* vem a ser uma história do meio do livro (a sexta). Mas o autor desta pesquisa optou por alterar essa leitura sequencial para mostrar que uma obra demanda mais investigação que a outra (por isso, fê-lo a transposição nessa abordagem).

8 Em linhas explicativas, o evangelicalismo, evangelismo ou cristianismo evangélico refere-se um movimento cristão protestante que eclodiu no século XVII, após a Reforma Protestante, traduzindo-se como uma perspectiva organizada do aparecimento de metodistas entre anglicanos, dos puritanos entre os calvinistas e Igrejas Reformadas (ambos na Inglaterra), e dos pietistas entre os luteranos na Alemanha e Escandinávia. O movimento fez-se mais proeminente nos Estados Unidos da América durante o Grande Despertamento dos séculos XVIII e XIX, conseguindo muito mais membros no continente americano que no europeu. O evangelismo continua a atraindo muitos seguidores em escala mundial desde o século XXI, principalmente no contexto globalitário e desenvolvimentista que vivenciamos. É, pois, um movimento que congrega diversos submovimentos, sendo os principais Anabatismo, Igreja Batista, Pentecostalismo e Neo-Pentecostalismo.

9 “A expansão evangélica – acelerada, como visto, pelo neopentecostalismo – impactou não apenas o catolicismo, mas também as religiões afro-brasileiras, fortemente combatidas por tais igrejas, principalmente a IURD. Isso fez com que a umbanda, nascida nos morros cariocas no início do século XX, quase desaparecesse desse cenário ao final do centenário. O combate demonizante neopentecostal – sobretudo iurdiano – aos orixás, caboclos e demais entidades espirituais dos cultos afro-brasileiros acabou tendo resultados expressivos na conversão dos adeptos de tais grupos religiosos, diminuindo bastante sua proporção no país” (MARIANO, 2003; SILVA, 2007 apud SOUZA, 2019, p. 17).

Mas as tensões de pertencimento religioso tendem a serem atenuadas quando a empatia, o sistema de cooperação mútua emerge ante as dificuldades individuais e social da comunidade. Um cessar-fogo, em certos casos, é importante para manutenção das favelas, pois a história retrata com clareza a realidade do sentimento humanitário quando algum acontecimento tende a desestruturar o sistema comunitário (como a morte de algum vizinho, uma catástrofe natural, um surto de doenças, a decadência financeira etc.), conforme vemos no episódio da cura do Matheus de família evangélica através das práticas afroreligiosa de Dona lara:

Uma vez ela foi rezar para o Matheus, que estava ardendo em febre. Na época, a família dele quase toda já tinha virado crente, mas o moleque não melhorava. Médico não dava jeito, oração de pastor não dava jeito, mandaram chamar a velha. Enquanto ela rezava e passava erva no menino, a parentada seguia com o coro: “Aleluia!”, “Glória ao Pai!”, “Só o Senhor é Deus!”. Depois de terminar com a reza terminar com a reza, dona lara tomou um trago de cachaça e mandou todos tomarem também. Eles tomaram, então ela disse que o menino ia ficar bem. Os pais de Matheus diziam que sim, que Deus estava com eles, que não passava de um susto. Logo depois que a velha saiu, os parentes, espalhados pelos cantos da sala, ficaram longo tempo olhando uns para os outros, selando em silêncio o pacto de nunca comentar na rua o que aconteceu naquela noite. O Matheus só contou pro Ruan, que não contou pra ninguém (MARTINS, 2018, p. 69-70).

Muitas vezes silenciadas, essas relações são recorrentes na estrutura das sociedades, é um hibridismo cultural que, para não sofrer penalidades e rechaços dentro do sistema religioso de pertencimento do indivíduo, é melhor manter como tabu: não se deve dizer de modo algum, por exemplo, que um evangélico recorreu a ajuda de um afroreligioso:

Outra vez, empestou de carrapato na casa do Ruan. Era carrapato de tudo que é jeito, pra tudo que é lado. Subiam nas paredes, no sofá, até nos santos subiam. Todos já viam a hora em que o cachorro morreria, sem sangue. Dona lara foi lá, matou três dos parasitas, colocou dentro de uma caixa de fósforo e mandou a avó de Ruan jogar numa encruzilhada. A velha foi e levou junto o menino. Ruan só contou pro Matheus, que não contou pra ninguém.

A família de Thaís é toda testemunha de Jeová, menos o pai, que é alcoólatra. Ela não pode ir na esquina comprar cigarro, nem fazer o jogo do bicho pra dona lara, por isso nunca fica com troco, nunca ganha moeda. Ela não pode doar sangue, nem comer doce de Cosme e Damião, nem festa de aniversário ela pode comemorar. O que ninguém imagina é que, quando ela estava no ventre, com dificuldades pra vir ao mundo por conta de parto amarrado, foi dona lara que fez o trabalho pra desamarrar a barriga. A mãe de Thaís nunca contou pra ninguém (Idem, p. 70).

Em *O Mistério da Vila*, embora ostente as máscaras sociais da intolerância religiosa¹⁰, revela que indissociáveis no sentido da ajuda mútua, independentemente de que crença a pessoa professe. Quando Dona lara sofreu um enfarto, os evangélicos rezavam por ela, a comunidade inteira ficou preocupada e prestou respeito a situação da velha “macumbeira” (Idem, p. 71-74). A personagem “Ruan falou da promessa que fez a São Jorge. Dona lara riu satisfeita: — Sempre

¹⁰ Muitos trechos da obra isso é recorrente, destacamos aqui um exemplo: “Meu pai diz que macumba é igual maconha: coisa do diabo! Se fosse bom não começava com ‘ma’ (...) A minha mãe disse pra mim que quem faz macumba pode fazer tanto o mal quanto o bem.” (MARTINS, 2018, p. 69).

disse pra tua avó que você, menino, é filho de Ogum!” (Idem, p. 73). Este, por sua vez, passou a frequentar a casa da senhora “para ouvir as muitas histórias do Santo Guerreiro, seu Protetor, Ogum iê, seu Pai.” (Idem, p. 74), o que reforça o conceito de sincretismo postulado pelo saudoso antropólogo Sergio Ferretti:

O sincretismo ocorre na religião, na filosofia, na ciência, na arte, e pode ser de tipos muito diversificados. Nas religiões afro-brasileiras podemos localizar vários tipos, conforme o aspecto que se esteja estudando ou a ênfase do estudo. Para evitar mal-entendidos e confusões, é preciso explicar exatamente o sentido que se quer dar ao termo que está sendo utilizado. Apesar dos aspectos pejorativos que prevalecem, sincretismo é um fenômeno que existe em todas as religiões, está presente na sociedade brasileira e deve ser analisado, quer gostemos ou não (FERRETTI, 1996, p. 91).

Partindo para análise do conto Primeiro Dia pontuamos a presença da lenda urbana da “Loura do banheiro”. Primeiramente, vemos na narrativa como a invocação dessa entidade de prestígio nacional, como um rito de passagem¹¹, ou seja, um processo pelo qual muitos estudantes novatos são submetidos quando ingressam em uma nova escola, como é caso da obra em questão:

“Bora geral pro banheiro”, disse um moleque meio playboy com cabelo de chapinha pintado de louro. E foram todos. Chegando lá, eles mandaram o papo de como funcionava a escola. André ouvia atentamente cada palavra. Parecia justo. “Todo novato tem que passar pelo teste”, disseram, depois de explicar as regras. André pensou logo que seria pederastia. Pra isso não estava preparado, não imaginava que na escola dos grandes, onde as meninas já fumam e transam, precisaria passar por esse tipo de coisa. Mas não era. Tratava-se do teste da Loura do Banheiro. André conhecia muito bem essa história, e não conseguia acreditar que estava acontecendo. A Loura do Banheiro foi uma menina que se matou após ser estuprada no banheiro da escola. Desde então, toda vez que alguém fala “Loura do Banheiro” três vezes na frente do espelho, ela aparece. Depois disso é preciso fugir o mais rápido possível, antes que o espírito tome conta do banheiro, pois, se isso acontecer e você estiver presente, restam apenas duas opções: ficar maluco por conta da presença da menina ou ser abduzido pra dentro do espelho (MARTINS, 2018, p. 36-37).

11 “Os rituais existem desde os tempos mais remotos até os dias atuais e fazem parte da estrutura da sociedade, pois, segundo Da Matta, ‘falar em vida social, é falar em ritualização’. Os rituais são diversos, seus propósitos também e são suscetíveis a várias interpretações. Entretanto, na coletânea ritualística presentes nos grupos sociais ‘constatamos a maior predominância do mundo sagrado sobre o mundo profano’ (GENNEP, 2011, p. 23). (...). Os ritos de passagem, bem como a sua terminologia, foram popularizados pelo antropólogo alemão Arnold van Gennep, na primeira década do século XX. Suas teorias foram, inicialmente, desenvolvidas nas pesquisas de Edmund Ronald Leach (Rethinking anthropology. New York: The Humanities Press, 1961), Mary Douglas (Purity and Danger: an analysis of concepts of pollution and taboo. London; New York: Routledge, 1966), Victor Turner (The forest of symbols: aspects of Ndembu ritual. New York: Ithaca, Cornell Univ. Press, 1967; The ritual process: structure and anti-structure. New York: Aldine de Gruyter, 1969), Clifford Geertz (The interpretation of cultures. New York: Basic Books, 1973), Lévi-Strauss (Le totémisme aujourd’hui. Paris: PUF, 1962; e, no mesmo ano, La Pensée sauvage. Paris: Plon).” (SILVA, 2013, p. 96).

Imagem 2. Maria Augusta, a “Loira do Banheiro”



Fonte: Reprodução.

A lenda da “Loira do banheiro” descrita no contexto carioca acima parte de uma famosa história que tomou dimensão midiática nacional. Não é uma particularidade das escolas do Rio de Janeiro, é uma lenda que se originou no interior de São Paulo e foi disseminada em todo o Brasil. Trata-se, pois, de Maria Augusta de Oliveira Borges, filha do Visconde de Guaratinguetá, nascida no século XIX e falecida na Europa, cuja causa do óbito é desconhecida (alguns atribuem ao vírus causador da raiva), dizem que ela andar vagando pelos corredores da Escola Estadual “Conselheiro Rodrigues Alves”, lugar que antes pertencera a família do Visconde. (BROCA, 1968 *apud* COBARGE, 2010). Em muitas versões, dizem que a jovem aparece quando sua alcunha (“Loira do banheiro”) e repetida três vezes e dá-se a descarga no sanitário do banheiro da escola.

Crianças de todo o Brasil, provavelmente, já tiveram medo de ir ao banheiro da escola e se deparar com a “Loira do banheiro”. O que muitos não sabem é que a lenda nacional surgiu de uma história real que aconteceu no século 19.

Tudo teve início com a morte de uma jovem de 26 anos que morou em uma mansão em São Paulo. Na casa, de muros altos e elegância arquitetônica, hoje funciona a escola Escola Estadual Conselheiro Rodrigues Alves, que leva o nome do quinto presidente do Brasil, que nasceu na cidade. Reza a lenda, que até hoje os alunos veem a loira do banheiro pelas janelas do prédio. O edifício, que fica em Guaratinguetá, é tombado como monumento estadual de valor histórico e arquitetônico desde 1985. (...)

Na mansão viviam o Visconde de Guaratinguetá e sua filha, Maria Augusta. Em 1880, a jovem, que tinha 14 anos, foi forçada a se casar com o Conselheiro Dutra Rodrigues, que era 21 anos mais velho.

Pouco após se casar, com apenas 18 anos, ela fugiu para Paris com o dinheiro obtido vendendo suas joias. Morreu na Europa e seu corpo foi trazido ao Brasil de navio. Na viagem, o caixão da jovem foi violado por ladrões que queriam as joias que estavam com o corpo. Com isso, o atestado de óbito dela sumiu e até hoje a causa da morte dela é desconhecida.

O corpo de Maria Augusta ficou exposto na casa em uma redoma de vidro enquanto o túmulo, onde ela está enterrada no cemitério de Passos, ficava pronto. O túmulo da jovem hoje é um ponto turístico na cidade.

Uma das versões para a morte de Maria Augusta é que ela morreu acometida pela raiva, que registrava muitos casos na Europa na época.

Anos depois, a mansão onde Maria Augusta viveu foi consumido por um incêndio considerado misterioso, em 1916. Na época, o prédio já tinha virado escola e teve que ser reconstruído. Em alguns depoimentos da época, testemunhas afirmam ter ouvido um piano tocar. O instrumento era tocado por Maria Augusta e até hoje é mantido na escola. Ainda hoje existem dúvidas sobre a origem do incêndio. (...)

A lenda descreve uma jovem loira, vestida de branco com algodão no nariz que aparece depois de ser invocada no banheiro. O rito para chamá-la varia de lugar para lugar, mas pode ser chamá-la três vezes em frente ao espelho ou dar descarga, por exemplo. A lenda urbana também pegou alguns elementos da lenda norte-americana Maria Sangrenta.

Na escola, a figura de Maria Augusta é conhecida por todos. Em uma revista comemorativa de 90 anos da instituição, em 1992, há um capítulo só sobre a história de Maria Augusta. (MARTINS, 2021).

A história da “Loira do Banheiro” que aparece na literatura atualíssima de Geovani Martins (2018), abre um leque de possibilidades que extravasam a origem do mito, conforme a matéria investigativa de Thays Martins (2021) referenciada acima. A lenda tem associações a muitas outras narrativas, com a da Blood Mary (nos EUA), a da Rainha Maria I (na Inglaterra), a da Hanoko (no Japão), a Verônica (na Espanha) e, em última análise, a de Verônica (ou Berenice) de Jerusalém, cultuada como santa pelos católicos cristãos. Em todas as estruturas míticas percebemos que: a) trata-se de uma jovem; b) a morte permanece misteriosa; c) tem características ambivalentes (tende a ser uma aparição benévola ou ruim); d) o sangue em seu corpo é visível em seu corpo. Chegamos, pois, a uma estruturação do mito da “Loira do banheiro” no seguinte quadro:

Quadro 1 - Sinopse descritiva do mito da “Loira do Banheiro”

LENDA URBANA NACIONAL	ASSOCIAÇÕES			
MARIA AUGUSTA DE OLIVEIRA BORGES “A LOIRA DO BANHEIRO” (BRASIL)	BLOODY MARY (M A R I A SANGRENTA)	MARIA I (RAINHA DA INGLATERRA, DA DINASTIA TUDOR)	HANOKO (JAPÃO)	VERÔNICA (ESPANHA)
MITO DE ORIGEM				

VERÔNICA DE JERUSALÉM (ou BERENICE), SANTA DO CATOLICISMO
que teria enxugado o rosto de Jesus no caminho da Gólgota ou que teve sua hemorragia
curada por ele
(MATEUS, 9: 20-22; LUCAS, 8:43-48)

Fonte: SILVA, 2022.

Para além das muitas versões da “Loura do Banheiro” que aparece em *Primeiro Dia* (MARTINS, 2018), é interessante como o simbólico-religioso sobrevive é contado na história, assinalando a persistência do universo mítico e da potencialidade do homem inscrever suas histórias durante o tempo, bem como se atesta na coletânea de contos acolhida para esse estudo hermenêutico e que isso “tende a confirmar os incrédulos na desconfiança de que a religião amortece, em lugar de nutrir tudo que há de vital no espírito do homem.” (MERTON, 1954, p. 130).

Considerações Finais

O Sol na Cabeça, de Geovani Martins (2018), fascina pelo a possibilidade de ir além dos limites da narrativa e analisar, por exemplo, as nuances do fenômeno religioso a que se objetivou no âmago dessa pesquisa.

É claro que o debate não se fecha aqui como última instância da tarefa hermenêutica, o texto tem sempre algo a dizer, pistas que levam o pesquisador a ir mais fundo nas histórias das personagens, no espaço-tempo, na ambientação, na memória social coletiva de cada narrativa. *O sol na Cabeça* permanece sempre querendo dizer-nos alguma coisa para compreender o homem simbólico.

As contribuições expostas nesse estudo desejam, sobretudo, romper a barreira de que só os livros de autores cânones interessam a pesquisa científica e a academia. É preciso ouvir e entender os novos da literatura contemporânea, eles têm muito a nos dizer com suas escritas, mesmo que esta possa ser um tanto agressiva aos que se melindram com a realidade nua e crua como ela é retratada e deve ser assim!

Referências

ABREU, Gilberto de. **Grafite x pichação**: qual a diferença? MultiRio: a mídia educativa da cidade. Reportagens e artigos. 24 julho 2015. Disponível em: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/artigos/2972>. Acesso em: 29 abr. 2022.

AMARAL FILHO, Fausto dos Santos. Hermenêutica: o que é isto, afinal?. In: AZEVEDO, Heloisa Helena Duval de; OLIVEIRA, Neiva Afonso; GHIGGI, Gomercindo (Orgs.). **Interfaces**: temas de Educação e Filosofia. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009. p. 39-53.

BACHELARD, Gáston. **A água e os sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BORGES, Lô; BASTOS, Ronaldo. **O Trem Azul**. Discografia, Clube da Esquina, EMI-Odeon [LP], 1972. In: Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira. Disponível em: <https://dicionariompb.com.br/artista/lo-borges/>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CASTRO, Josué Tomasini. **Discursos Herero sobre uma África Cristã**: contribuições antropológicas para a compreensão de fenômenos sincréticos. (Monografia) Graduação em Ciências Sociais. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

COBARGE, Débora Maria Nogueira. **História e Memória da Escola Complementar de Guaratingetá.** (Dissertação) Mestrado em Educação: História, Política, Sociedade. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos.** Lisboa: Arcádia, 1979.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIADE, Mircea. **Tratado de História das Religiões.** 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

FERRETTI, Sergio. **Repensando o Sincretismo.** São Paulo: EDUSP, 1996.

GADAMER, Hans-Georg. **O problema da consciência histórica.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

GARRIDO, Pedro. Foto. In: ZAIDAN, Patrícia. **Geovani Martins:** Morador do Vidigal lançará livro em nove países. Além de vendas na China, Alemanha e EUA, 'O Sol na Cabeça', livro de contos do carioca de 26 anos, também ganhará uma adaptação para o cinema, Revista Claudia, 22 abr 2018. Disponível em: <https://claudia.abril.com.br/noticias/geovani-martins-livro-nove-paises-sol-cabeça/>. Acesso em: 29 mar. 2022

GHEDIN, Evandro. Hermenêutica e pesquisa em educação: caminhos da investigação interpretativa. In: II Seminário internacional de pesquisa e estudos qualitativos. 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: USC, 2004. p. 1-14.

GOMES, Leandra Macedo de Araújo; MELO, Maria Cecília Pimentel de. **Práticas Populares de Cuidado:** Percepção de Gestantes em Uma Unidade de Saúde de Petrolina-PE. Espaço para a Saúde, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 53-63, 2015. Disponível em: <https://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/396>. Acesso em: 1 mai. 2022.

MARIANO, Ricardo. **Guerra espiritual:** o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais, Debates do NER, v. 4, n. 4, 2003, p. 21-34.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça:** contos. São Paulo: Companhia da Letras, 2018.

MARTINS, Thays. **Loira do banheiro:** morte misteriosa em mansão de SP deu origem a lenda. Conheça a história que deu origem a lenda urbana contada em escolas de todo o país. Correio Brasiliense [eletrônico], 13/10/2021. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/brasil/2021/10/4955135-loira-do-banheiro-morte-misteriosa-em-mansao-de-sp-deu-origem-a-lenda.html>. Acesso em: 2 mai. 2022.

MERTON, Thomas. **O Signo de Jonas.** São Paulo: Mérito, 1954.

PRANDI, Reginaldo. **Exu, de mensageiro a diabo:** Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. Revista USP, 2001, n. 50, p. 46-63.

PORTO EDITORA. **Loki na Infopédia** [em linha]. Porto: Porto Editora. [S.l.], 2022. Disponível em: [https://www.infopedia.pt/\\$loki](https://www.infopedia.pt/$loki). Acesso em: 29 abr. 2022.

REY, Terry. **Habitus et hybridité:** une interprétation du syncrétisme dans la religion afro-catholique d'après Bourdieu, Social Compass, 2005, n. 52, v. 4, p. 453-462.

SILVA, Marcel Franco da. **A água e seus significados no Tambor de Mina do Pará**: um estudo de caso no Terreiro de Mina Nagô de Xangô e José Tupinambá. (Dissertação) Mestrado em Ciências da Religião. Belém: Universidade do Estado do Pará, 2013.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras**: significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo, *Mana*, v. 13, n. 1, 2007, p. 207-36.

SOUZA, André Ricardo de. **Pluralidade cristã e algumas questões do cenário religioso brasileiro**. *Revista USP*, [S. l.], n. 120, p. 13-22, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155528>. Acesso em: 1 mai. 2022.

Recebido em 06 de maio de 2022.

Aceito em 16 de agosto de 2022.